

**Arqueologia das indústrias calçadistas de Novo Hamburgo em seu período fabril
(1890-1920)**

Inês Caroline Reichert- Feevale

No espaço deste texto, procurarei apresentar a proposta de pesquisa, e seus resultados iniciais, que está sendo desenvolvida por mim no contexto do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória da Comunidade, do Centro Universitário Feevale. O projeto, intitulado de “Sapateiros e sapatos: arqueologia das indústrias calçadistas de Novo Hamburgo em seu período fabril (1890-1920)”, propõe uma abordagem arqueológica do processo de urbanização que focalize as mudanças ocorridas na vida social urbana com o advento da indústria calçadista na cidade, no período de sua instalação, baseado no processo artesanal de produção. A partir do foco em unidades fabris estabelecidas no final do século XIX e início do século XX, procurarei analisar e interpretar práticas cotidianas ligadas ao trabalho, inseridas nos contextos históricos brasileiros, entrelaçando-as ao processo de construção de uma modernidade nacional no período. Busca-se estabelecer uma relação entre os contextos arqueológicos evidenciados, os materiais recuperados e os discursos e práticas marcadas por uma influência do processo de industrialização europeu.

O recorte temporal colocado pela pesquisa propõe a análise da fábrica calçadista quando da instalação das primeiras unidades na cidade de Novo Hamburgo, em finais do século XIX e início do século XX. A interpretação pretendida se coloca sobre as relações de trabalho que se estabelecem neste momento, a partir de especializações de funções e outras formas de trabalho, através das quais foram inscritos novos modos de ser trabalhador, com valores e representações sociais sobre este trabalho antes desconhecidos. A partir deste objeto

de pesquisa, também se colocam como focos de análise: a forma de estruturação espacial das fábricas de calçado no período de seu processo fabril de produção; a ocupação dos espaços da cidade que estas fábricas realizam e que impactos tiveram sobre eles; os grupos sociais que se ligaram aos espaços da fábrica, e aos espaços adjacentes a elas, e os grupos sociais que foram deslocados desses espaços; e as relações recíprocas estabelecidas entre o homem (sapateiro) e o artefato (sapato) que é feito por ele.

A cidade de Novo Hamburgo tornou-se conhecida nacionalmente por sua produção industrial do calçado, uma vocação que se estabelece já desde o século XIX e que, portanto, está intrinsecamente relacionada à formação identitária da cidade. Atualmente, insere-se, juntamente com outras cidades da região, em um pólo coureiro-calçadista. No entanto, em que pese a relevância histórica do setor para a economia da cidade, iniciativas voltadas para a preservação da memória social sobre a questão são ainda muito tímidas e somente receberam uma maior atenção com a criação do Museu Nacional do Calçado, através dos projetos de pesquisa desenvolvidos a partir deste espaço. Em termos de patrimônio arqueológico como parte da memória da cidade, no sentido da construção de sentidos e significados pela população, não há ainda nenhum trabalho realizado. Esta realidade me instigou a agir na direção de aproximar mais as pessoas do patrimônio arqueológico, de maneira a oportunizar a apropriação destes bens patrimoniais, sua resignificação e a construção de memórias. Sublinho que a relevância social deste projeto reside, principalmente, na questão da preservação do patrimônio histórico e cultural, direito à memória que possuem todos os cidadãos, e cujo patrimônio arqueológico integra de maneira substancial, diversificando os registros da memória social e possibilitando, em nome das gerações atuais e futuras, a reconstituição do passado histórico e regional (Kern, 2002, p. 26). Nesse sentido, o projeto de pesquisa desenvolvido prevê a realização de atividades de Educação Patrimonial durante todo o processo de pesquisa, de forma a cumprir com o compromisso de uma Arqueologia Pública cada vez mais

engajada com a construção da cidadania, como nos exorta Juliani (2002, p. 64).

Desta maneira, na gestão sócio-ambiental das cidades, o patrimônio arqueológico deve ser considerado como representativo do que a sociedade valoriza e sobrevive como representação do passado. Mais do que simples registros do passado, os recursos históricos e arqueológicos são considerados como a expressão de experiências e valores coletivos, dos quais os cidadãos podem inferir um senso de identidade e significado e encontrar segurança naquilo que podem realizar. É, portanto, considerado vital que, para o resgate dos sentimentos de pertencimento, promova-se a conservação, desenvolvimento e apreciação do patrimônio.

Considerando a rede de processos e fenômenos sociais que se estabelecem entre uma cidade e seu entorno, identifiquei este trabalho com a chamada Arqueologia Urbana, uma Arqueologia que se insere em uma perspectiva mais ampla, denominada de Arqueologia Histórica. Segundo Prous, “Por definição, a arqueologia histórica se volta para o estudo de vestígios que evidenciam influência européia, para a qual se dispõe de documentos escritos” (1992, p. 543). A definição do que vem a ser um sítio histórico tem sido empreendida por inúmeros arqueólogos históricos estrangeiros e brasileiros, e não pretendo apresentar estas discussões no espaço deste texto. Considerando que o objeto de pesquisa encontra-se inserido em um contexto histórico relacionado ao processo de industrialização no Brasil, aproximo-me da definição adotada por Tochetto, que postula a conceituação de uma Arqueologia vinculada à investigação sobre o mundo moderno (*ibidem*, p. 6).

Segundo Thiesen (2003, p. 169), o estudo das fábricas e suas instalações complementares, realizado sob o cunho da Arqueologia Industrial, um ramo da Arqueologia Histórica, surgiu na Inglaterra, na década de 1950 e, desde então, inúmeros trabalhos têm sido realizados nos EUA e Europa. No Brasil, o processo de industrialização, desde o sistema fabril, tem sido pesquisado a partir de diversas perspectivas, e regionalmente, os principais estudos foram realizados por Pesavento (1985) e Reichel (1978). Contudo, a análise dos contextos específicos onde se realiza o processo de industrialização, a fábrica em si, está apenas

iniciando, registrando-se o pioneiro trabalho da arqueóloga Beatriz Thiesen, a respeito do contexto arqueológico das indústrias em Porto Alegre. A Arqueologia Industrial possui como objeto de estudo o artefato e a relação de intencionalidade entre o homem e o artefato produzido, no caso, o sapateiro e o sapato, possibilitando a compreensão de aspectos não-materiais da cultura, a partir da sua materialidade.

As fábricas são entendidas, no contexto deste projeto de pesquisa, como artefatos, ao lado do maquinário e dos objetos produzidos em seu interior; neste sentido, as formas arquitetônicas e a própria organização e articulação do espaço são vistos como um discurso através do qual se pode ter acesso às representações dos grupos que viveram e construíram esses espaços. Assim, o estudo que parte da fábrica calçadista e enfoca as transformações na vida social da cidade poderá trazer novas perspectivas para a compreensão da sociedade capitalista urbana. Acrescente-se a estes aspectos, a preservação do patrimônio arqueológico, um dos suportes da memória da comunidade, como um dos avanços e resultados esperados com o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que a Arqueologia como suporte à memória das cidades é assunto ainda pouco explorado em nosso País.

Uma pesquisa como a que se propõe tem características que devem ser consideradas: na impossibilidade de realizar escavações (em áreas urbanas esta metodologia é bastante limitada), é necessário buscar outras formas de chegar ao objeto. Neste sentido, Thiesen (2003, p. 177), aponta para as propostas apresentadas pela arqueologia da paisagem que têm se mostrado “como um caminho de grande potencial para a compreensão de sociedades do passado, (...) e ela pode - e deve – ser considerada como uma fonte importantíssima para compreender a vida (...) do passado”. Assim, o sistema fabril calçadista, quando de seu momento inicial (1890-1920) na cidade, será tomado como um elemento da paisagem urbana. No entanto, Tochetto (2004, p.13) destaca, pela experiência desenvolvida através de dez anos

de projetos voltados para a Arqueologia Histórica em Porto Alegre, que apesar do intenso e contínuo uso do solo urbano através de aterros, terraplanagens, construções, demolições, entre outras formas de alterações do solo e do subsolo, uma parcela considerável do patrimônio arqueológico encontra-se preservada, contendo vestígios de ocupações pretéritas.

Partindo do pressuposto que a fábrica constitui-se num *locus* privilegiado para a compreensão da sociedade capitalista urbana, o estudo visa analisar as relações entre a implantação das indústrias e a paisagem urbana, em seus níveis físico, social e simbólico, tomando a cidade como um sítio arqueológico, como um todo, cujas diversas partes estão inter-relacionadas. Tochetto (2004, p.14) ressalta a importância de pesquisas que se voltem para a inter-relação das diferentes ocupações do espaço urbano e sua leitura interpretativa, uma abordagem necessária para uma Arqueologia que se contextualiza espacialmente na cidade. Segundo esta autora

as relações entre diferentes elementos arqueológicos dos sítios (intra-sítio), entre os sítios (inter-sítios) e entre o ambiente que as abrange, devem ser realizadas segundo o contexto histórico em que se inserem. É nesta rede de relações que foram interpretadas as práticas cotidianas, como operavam e seus significados, partindo dos contextos arqueológicos dos sítios específicos. Interpretar significados, assim, passa necessariamente por relação, analogia, contextualização (*ibidem*, p 17)

A contextualização em Arqueologia requer, portanto, a inclusão de categorias de análise que considerem variações temporais, espaciais e tipológicas, para o estabelecimento de relações e analogias que permitam a construção de quadros de referência para a cultura material dos sítios arqueológicos estudados.

As fontes históricas relacionadas ao processo de industrialização da cidade, e que estão sendo identificadas e analisadas, constituem-se a partir de vários acervos: da imprensa

da época; de documentos de registro das empresas junto a órgãos públicos; de documentos administrativos de cada empresa, em arquivos particulares; de fotografias constantes de acervos públicos e particulares; de relatos de viajantes que registraram o período; da memória social sobre as pioneiras indústrias de calçado, a partir da História Oral com os descendentes das famílias fundadoras destas primeiras fábricas. Além das fontes históricas arroladas, registra-se a importância da historiografia sobre imigração alemã na região, contando com obras clássicas, para o estudo das primeiras fábricas de calçado e suas relações com o processo de urbanização da cidade. Sobre a cultura material, registre-se que serão pesquisados materiais e peças existentes sobre a temática nos acervos já constituídos, no sentido de estabelecer-se uma tipologia para a cultura material que será encontrada nos sítios arqueológicos estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE LIMA, Tânia (et al). A Tralha Doméstica em Meados do Século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. *Publicações Avulsas*, n ° 1. São Paulo: Dédalo, 1989. p. 205-230.

2. CARLE, Cláudio; OLIVEIRA, Alberto. O Solar da Travessa Paraíso: exemplo de Arqueologia Histórica no município de Porto Alegre. *Anais da VIII Reunião Científica de Arqueologia Brasileira*, v. 2.. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995. p. 361-379.
3. JULIANI, Lúcia J. C. Oliveira. *Gestão arqueológica em metrópoles: uma proposta para São Paulo*. São Paulo: FFLCH/USP. Dissertação de Mestrado.
4. _____. Os recursos arqueológicos como suportes à memória das cidades. In POSSAMAI, Zita Rosane; ORTIZ, Vitor. *Cidade e memória na globalização*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal de Cultura, 2002.
5. KERN, Arno Alvarez. Patrimônio arqueológico, sítios históricos e o direito à memória. *Revista do CEPA*, v.26, n. 35/36. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, jan/dez. 2002.
6. PESAVENTO, Sandra J. *História da Indústria Rio-Grandense*. Guaíba: Riocell, 1985.
7. PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1992.
8. REICHEL, Heloisa. *A Indústria têxtil do Rio Grande do Sul. 1910-1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.
9. REICHERT, Inês Caroline. Memórias da fábrica de calçado: investigação e preservação da história em uma prática pedagógica no ensino médio. In Escott, Clarice Monteiro (et al). *Cadernos PROGRAD*, n.6. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.
10. SYMANSKY, Luiz Cláudio. *Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre do Século XIX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
11. THIESEN, Beatriz Valladão. *As paisagens da Cidade: arqueologia da área central de Porto Alegre do século XIX*. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação de Mestrado.
12. _____. Para uma arqueologia das indústrias em Porto Alegre. *Revista Histórica*, n. 7. Porto Alegre: PUCRS, 2003. p. 167-184.
13. TOCHETTO, Fernanda B.; REIS, José Alberione dos. Da cidadania e do pertencimento: lugares de atuação da Arqueologia em Educação Patrimonial. *Comunicação apresentada na X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Recife, 1999.

14. TOCHETTO, Fernanda Bordin. O descarte de lixo doméstico na Porto Alegre oitocentista: um construção possível sobre práticas e representações. *Revista Histórica*, n. 7. Porto Alegre: PUCRS, 2003. p. 185-213
15. _____. (coord). *Programa de Arqueologia Urbana do Município do Porto Alegre, 1997*. PMPOA/SMC, 26 p (atualizado em junho de 1999).
16. _____. *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*. Porto Alegre: PUCRS/FFCH, 2004. Tese de Doutorado.